

QUEIMADAS EM LÁBREA: FREQUÊNCIA E INTENSIDADE DOS INCÊNDIOS

Raimundo Nonato Duarte Amâncio - duarte-amancio@hotmail.com

Carlitos Luis Sitoie - carlitosluissitoie@gmail.com

* Submissão em: 13/12/2024 | Aceito em: 31/01/2026

RESUMO

Este estudo investiga as queimadas e os incêndios no município de Lábrea, Amazonas, contextualizando a problemática ambiental na região amazônica, onde a prática de queimada é frequentemente utilizada na agricultura e outras atividades produtivas. O objetivo principal da pesquisa foi avaliar as causas que transformam queimadas em incêndios. A metodologia adotada inclui entrevistas estruturadas com atores sociais da comunidade, conforme os princípios da história oral, permitindo uma análise qualitativa rica sobre as experiências e memórias dos moradores locais. O trabalho fundamenta-se em três modalidades de narrativa: entrevistas temáticas, histórias de vida e tradições orais, o que possibilitou uma compreensão abrangente das relações entre os trabalhadores e as práticas de manejo do ambiente. Além disso, a observação participante contribuiu para uma melhor imersão no contexto social e cultural dos entrevistados. Os resultados demonstraram que a relação histórica dos trabalhadores com a terra e os recursos naturais, aliada a fatores socioeconômicos e à pressão do mercado, influencia significativamente a frequência e a intensidade dos incêndios. A pesquisa conclui que, para mitigar os impactos das queimadas, é essencial considerar os saberes locais e promover práticas de manejo sustentável que integrem as vozes das comunidades na formulação de políticas públicas.

Palavras-chave: queimadas, incêndios, Amazônia.

WILDFIRES IN LÁBREA: FREQUENCY AND INTENSITY OF THE FIRES**ABSTRACT**

This study investigates fires and fires in the municipality of Lábrea, Amazonas, contextualizing the environmental problem in the Amazon region, where the practice of burning is frequently used in agriculture and other productive activities. The main objective of the research was to evaluate the causes that transform fires into fires. The methodology adopted includes structured interviews with social actors in the community, according to the principles of oral history, allowing a rich qualitative analysis of the experiences and memories of local residents. The work is based on three types of narrative: thematic interviews, life stories and oral traditions, which enabled a comprehensive understanding of the relationships between workers and environmental management practices. Furthermore, participant observation contributed to a better immersion in the social and cultural context of the interviewees. The results demonstrated that the historical relationship between workers and land and natural resources, combined with socioeconomic factors and market pressure, significantly influences the frequency and intensity of fires. The research concludes that, to mitigate

the impacts of fires, it is essential to consider local knowledge and promote sustainable management practices that integrate the voices of communities in the formulation of public policies.

Keywords: fires, fires, Amazon.

Introdução

A região da Amazônia, conhecida por sua vasta biodiversidade e ecossistemas únicos, tem enfrentado um aumento preocupante no fenômeno das queimadas. Esse problema assume contornos ainda mais críticos na cidade de Lábrea, situada no coração dessa floresta tropical. As queimadas não apenas comprometem a integridade dos ecossistemas locais, mas também afetam diretamente as comunidades que dependem desses recursos naturais para sua subsistência. Em média, cerca de 60%, da amazônia legal é anualmente afetada por incêndios florestais (BRASIL, 2020).

A floresta de Lábrea, localizada no sudoeste do estado do Amazonas, no Brasil, é uma região de grande importância ecológica e biodiversidade. A área total do município de Lábrea é de aproximadamente 68.241 hectares, predominantemente coberta por florestas tropicais densas que fazem parte da bacia amazônica. A flora da floresta de Lábrea é extremamente diversa, com uma abundância de árvores de grande porte, como a castanheira-do-pará e a seringueira, além de uma vasta variedade de plantas medicinais, epífitas e palmeiras (BRASIL, 2020).

A fauna também é muito rica, incluindo espécies icônicas como a onça-pintada, o jaguar, várias espécies de macacos, antas, e uma vasta diversidade de aves, répteis e insetos. Muitos desses animais são endêmicos da região e alguns estão ameaçados de extinção.

Em termos de clima, a floresta de Lábrea possui um clima equatorial típico, caracterizado por altas temperaturas e alta umidade ao longo do ano. As temperaturas médias anuais geralmente variam entre 24°C e 28°C. A umidade relativa do ar é alta, frequentemente excedendo 80%. A estação chuvosa ocorre entre novembro e maio, com o pico de chuvas geralmente entre janeiro e abril, enquanto a estação seca se estende de junho a outubro (BRASIL, 2020).

Essas características tornam a floresta de Lábrea uma região vital para a conservação da biodiversidade e para a manutenção dos ciclos hidrológicos e climáticos da Amazônia.

Afetar diretamente as comunidades significa assumir que a os focos de incêndios provocam fumaças, irritações de vista, matam animais e devastam roças e eliminam vegetação inteira.

Para o Ministério do Meio Ambiente (BRASIL, 2020), o problema de incêndios está ligado às queimadas durante a produção do carvão, em actividades de “limpeza de campos agrícolas,

renovação de pastagens, caça e rejuvenescimento da palmeira brava”. O impacto ambiental das queimadas vai além da mera degradação visual. A fumaça resultante desse fenômeno contribui para a deterioração da qualidade do ar, o que tem consequências significativas para a saúde da população local. Além disso, a perda de biodiversidade e a destruição de habitats naturais têm repercussões de longo prazo, afetando a estabilidade ecológica e a resiliência dos ecossistemas.

Compreender a frequência e intensidade das queimadas (Aragão et al., 2018; Brando et al., 2019), em Lábrea torna-se crucial não apenas para monitorar os impactos imediatos desse fenômeno, mas também para orientar a implementação de estratégias de prevenção e gestão ambiental na região.

Para operacionalização dos objetivos recorreu-se a utilização de imagens de satélite INPE mapeamento de áreas afectadas por incêndios florestais (Soares, 2016, p.44). Portanto, o INPE, permite baixar na sua base dados vestígios de incêndios de diferentes intensidades e dimensão territorial, visualizando o incêndio do chão de uma floresta densa, sem afectar a copa das árvores; as nuvens cobrindo a região (atenção - nuvens de fumaça não atrapalham); queimada de pequena duração, ocorrendo entre o horário das imagens disponíveis; incêndios em uma encosta de montanha, enquanto o satélite só observaram o outro lado; imprecisão na localização do foco de queima, que no melhor caso é de cerca de 375 m, mas chegando a 6 km. Nesta perspectiva, utilizar esta abordagem metodológica, é uma maneira de buscar compreender como interfere a interação complexa entre fatores climáticos, atividades humanas e mudanças no uso do solo, numa análise aprofundada e holística que permite abordar eficazmente esse desafio. Para tanto, a análise de imagens de satélite e geotecnologias, permitiu a geração de um banco de dados históricos baseados na monitoria e quantificação de queimadas de forma sistemática.

Segundo Santos et al., (2013, p.135), “as actividades ou acções que possibilitem a redução do risco têm início, na planificação estratégica [o zoneamento do risco do incêndio florestal é importante], para a tomada de medidas como restrição ou maior vigilância nas áreas de risco, construção de aceiros preventivos”. Também podem ser tomadas medidas de auxílios ao combate (exemplo: construção de estradas de acesso rápido aos locais de risco, alocação de recursos de combate em pontos estratégicos).

Nesse sentido, a combinação dos factores com impacte na deflagração e progressão dos incêndios florestais joga um papel importante para elaboração de medidas eficientes de prevenção e de combate aos incêndios florestais (Soares, 2016). Desta forma, a ocorrência e a propagação dos incêndios florestais são, em parte, controladas por factores ambientais (Oliveira, 2013) e, por outro

lado, pela interação dos sistemas antrópicos com as condições naturais (Bento-Gonçalves et al., 2014).

Referencial Teórico

Com base no referencial teórico adotado, a abordagem da Ecologia Profunda foi selecionada para analisar as queimadas e os incêndios no município de Lábrea. Essa escolha permite uma investigação mais abrangente e aprofundada desses fenômenos, indo além da superficialidade da ecologia convencional.

Por meio dessa perspectiva teórica, é possível entender as queimadas e os incêndios como variáveis ambientais intrinsecamente conectadas ao mundo natural. Isso inclui reconhecer a interdependência entre os diferentes elementos ambientais e compreender a posição dos seres humanos nos processos cíclicos da natureza. Em essência, a abordagem da Ecologia Profunda permite uma análise ampliada dos impactos negativos desses eventos no solo, subsolo, atmosfera, corpos d'água superficiais e subterrâneos, além dos seres vivos, tanto vegetais quanto animais, incluindo a saúde e o bem-estar humano.

Sob essa perspectiva, torna-se possível explicar os danos causados aos solos devido à perda de nutrientes e à compactação resultante dos incêndios, bem como os efeitos negativos nas fontes de água devido à contaminação por resíduos resultantes da queima. Além disso, a Ecologia Profunda oferece insights cruciais sobre os impactos nas comunidades vegetais, como perda de habitat e redução da biodiversidade, e nos animais, afetando sua reprodução, disponibilidade de alimentos e saúde devido à exposição à fumaça e às queimaduras.

Portanto, a escolha da Ecologia Profunda como embasamento teórico proporciona uma compreensão mais ampla e holística dos efeitos das queimadas e incêndios em Lábrea, abarcando não apenas os aspectos ambientais, mas também os impactos sociais e econômicos desses eventos.

Metodologia

A bibliografia foi realizada a partir da consulta de livros físicos e eletrônicos disponíveis em formato PDF, acessíveis online e devidamente citados no referencial teórico do presente trabalho. A coleta de dados de campo teve início em outubro de 2023, com quatro visitas ao município de Lábrea para entrevistar e questionar os sujeitos sociais da pesquisa. As técnicas de pesquisa empregadas incluíram entrevistas diretas com diferentes grupos, tais como agricultores familiares (AF), fazendeiros (F), grileiros (G), indígenas (I), quilombolas (Q), quebradores de cocos (QC), entre

outros. Além disso, foram conduzidos questionários direcionados ao prefeito da cidade (PC), técnicos responsáveis pelo cadastro de imóveis rurais (TCIR),

No que diz respeito à população e à amostra, o tamanho da população estudada e os critérios de seleção da amostra foram determinados com base na representatividade dos grupos envolvidos nas atividades relacionadas às queimadas e incêndios em Lábrea. A amostra incluiu representantes dos diferentes grupos sociais e profissionais mencionados, selecionados de forma a garantir uma diversidade de perspectivas e experiências relacionadas ao tema estudado.

A apresentação e análise dos dados coletados serão fundamentadas em métodos estatísticos e análises qualitativas, visando oferecer uma compreensão abrangente e aprofundada dos temas investigados. Foram utilizados dados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), obtidos através de imagens de satélite, para estudar a frequência e intensidade dos incêndios em Lábrea. As atividades realizadas para coletar e analisar esses dados incluíram:

Acesso a Dados do INPE: Acesso e download de imagens de satélite fornecidas pelo INPE, que foram utilizadas para identificar áreas afetadas por queimadas e incêndios em Lábrea.

Análise de Imagens de Satélite: Análise visual e digital das imagens de satélite para identificar focos de calor e áreas queimadas ao longo de um período específico de estudo.

Comparação Temporal: Comparação das imagens de satélite ao longo de diferentes períodos para avaliar mudanças na frequência e intensidade dos incêndios ao longo do tempo.

Georreferenciamento: Georreferenciamento das áreas afetadas pelos incêndios para análise espacial e mapeamento dos padrões de distribuição dos eventos de queimadas.

Entrevistas e Questionários: Realização de entrevistas e aplicação de questionários estruturados com os sujeitos da pesquisa para coletar dados qualitativos sobre percepções locais, práticas agrícolas, histórico de incêndios e impactos socioeconômicos.

Quanto à população e à amostra, o tamanho da população estudada foi determinado pela relevância dos grupos sociais e profissionais envolvidos nas práticas relacionadas às queimadas em Lábrea, como agricultores, fazendeiros, indígenas, quilombolas, entre outros. Os critérios de seleção da amostra foram baseados na representatividade e diversidade desses grupos, assegurando uma análise abrangente dos diferentes aspectos das queimadas na região.

Este estudo, realizado no âmbito do Mestrado em Ambiente e Desenvolvimento Sustentável das Comunidades, visa não apenas analisar a frequência e intensidade dos incêndios em Lábrea, mas também compreender as dinâmicas sociais, econômicas e ambientais que influenciam esses eventos. A combinação de métodos quantitativos e qualitativos permite uma análise robusta e multifacetada,

contribuindo para a formulação de estratégias mais eficazes de prevenção e gestão de incêndios na região.

Apresentação de dados e discussão

As técnicas utilizadas neste capítulo, privilegiam as entrevistas estruturadas por meio de um roteiro aplicado junto aos atores sociais selecionados. Para Bom Meihy (1996), a história oral se organiza em três modalidades durante o trabalho de campo tais como a entrevista temática, a história de vida e a tradição oral. De modo geral, as narrativas se apresentam em uma miscelânea de acontecimentos entre essas modalidades. Daí, o objetivo de estudar versões que os entrevistados fornecem acerca do tema analisado, de modo a fundamentar a pesquisa qualitativa que privilegie: depoimentos que circundam a temática (ALBERTINI, 2004).

Neste sentido, a técnica de coleta de dados da pesquisa se concentra na entrevista temática sem negligenciar aspectos da modalidade história de vida, pelo fato da trajetória dos entrevistados/depoentes se relacionarem de maneira histórica com o tema “queimadas no município de Lábrea”. No que diz respeito à memória, (Bérgson, ano) a atribui o *papel da escolha* para trazer à consciência aquilo que nos confere investigar, ou seja, a lembrança útil. Segundo Pollak, p. 9, 1989) a memória se apresenta como operação coletiva dos acontecimentos e interpretações do passado, assim o pesquisador deve tratá-la pelo método do *enquadramento da memória*.

De semelhante forma, Raphael Samuel (1994) diz que a memória é uma *força ativa e dinâmica*, e Jacques Le Goff, (1990) a define como um *instrumento* e um *objeto de poder*. Partindo desta perspectiva as memórias dos agentes sociais serão fontes que iremos explorar a memória coletiva dos trabalhadores tendo como base temas incomuns de suas trajetórias de vida tais como os lugares por onde residiram e suas ocupações ao longo do tempo, a procura de elucidar o traço marcante do sistema social e político ao entorno das queimadas ao enquadrar suas narrativas ao campo teórico da História Oral.

A pesquisa nos permite ainda uma abordagem de *observação participante* (GIL, 2008) levando em consideração a experiência de vida do lugar de onde sou natural, estive inserido como pesquisador em um ambiente social, a qual, o cenário não é alheio a mim, e que, muitas vezes, vivenciei com meus pais, tios, avós e demais familiares, ao longo da vida, ou seja, a situação pretendida a estudar é a que estive devidamente inserido no contexto social, ponto essencial para ser realizada a observação participante.

Antes de entrar no problema específico da investigação é importante ressaltar o conceito de cultura como conceito antropológico da totalidade observável em todas as esferas da vida das pessoas tais como *costumes, valores e modos de vida* (Burker, 2005), modos estruturantes no cotidiano da *prática social* (Bourdieu, 1992); ou seja, definem como os sujeitos sociais interpretam o mundo a sua volta através de seus *códigos sociais*. (Gertz, 2008).

Partindo de uma perspectiva comparada, da vida rural e a agricultura na França e Inglaterra. Bloch estabeleceu um diálogo intenso com os antropólogos dos anos trinta ao discutir questões relacionadas ao campo do símbolo, aos costumes locais e à economia camponesa (Bloch, 2001). O debate entre Antropologia e História, tendo como eixo articulador a análise de sistemas agrários a partir dos textos de Thompson, se pode entender os sistemas agrários dos pequenos produtores sem investigar as práticas hereditárias, os dotes e os ciclos de desenvolvimento familiar (Thompson, 2002).

Agora deslocando a reflexão de autores clássicos para a Amazônia, na busca de compor diálogos acerca da categoria do mundo trabalho. Com relação aos trabalhadores, principalmente os nordestinos empregados na extração do látex na década de 1870. Conforme analisado por Almeida (2008, p.16) e Pinto (2006, p.20), só mais recentemente ganharam conta as interpretações críticas e estas passaram a romper com os esquemas economicistas, funcionaram como esquemas interpretativos já cristalizados de apreensão das relações sociais na Amazônia desde o final do século XIX.

Os recentes estudos dos processos sociais na Amazônia têm adotado como eixo articulador de temas e problemas de pesquisa os rios que compõem a bacia hidrográfica da região. Aparentemente, não há distinção entre as novas pesquisas e os trabalhos de @@@@. Entretanto, hoje os rios emergem como unidades políticas de reflexão e mobilização, marcada por situações sociais que redefinem as modalidades de percepção de sujeitos locais.

Nesse sentido, o rio Purus havia se tornado na segunda metade do século XIX um território de potenciais riquezas naturais para o governo provincial, no qual, estavam localizadas extensões ricas em seringueiras e castanhais, além da diversificada e da ictiofauna e mastofauna. Trata-se de um acontecimento que, embora ligado a nível macro ao avanço do capitalismo na Amazônia, terá sua dinâmica própria e sua historicidade específica no rio Purus.

Desta maneira, os trabalhadores migrantes nordestinos deixaram uma grande herança no rio Purus, ao longo de cem anos de ocupação, técnicas de manejo do ambiente se fundamenta na

cultura do *corte e queima*¹, ao levamos em conta as categorias sociais a partir da análise crítica, podemos definir aos grupos de trabalhadores as características de identidade social dinâmica ou móvel, no sentido de que não seja possível atribuí-las um único perfil de trabalhador, e sim múltiplas atividades que ele desempenham, como, por exemplo, caçadores, extrativistas, pescadores, agricultores, serradores e muito mais.

Agindo dentro de suas próprias categorias, as pessoas tendem a reproduzir ações intencionais, contraditórias e fragmentos de memórias esboçadas em suas narrativas, por tanto cabe ao pesquisador recorrer as ferramentas teórico-metodológicas para traduzir essas interpretações, tendo a proposta de extrair da prática de vida dos atores sociais, conhecimentos do grupo a qual pertencem. A classificação dos agentes sociais é uma das primeiras dificuldades, por se tratar de uma identidade, muitas vezes, elaborada pelo Estado, essas categorias externas atribuídas aos grupos de trabalhadores locais correspondem a formas de controle dos programas sociais; de aposentadorias, seguros, benefícios e outras demandas.

No entanto, a categoria de trabalhadores que pretendo abordar aqui, está para além da estática nomeação governamental, o objetivo é retratar grupos sociais locais e partilhar de suas perspectivas de *auto identidade* pelo modo operante de costumes práticos dos trabalhadores rurais de Lábrea, em que segundo Giddens (2003) há uma conflituosa acomodação entre modo de vida tradicional diante a força global da *modernidade*. Para melhor reflexão sobre o fenômeno, é preciso se aprofundar nos aspectos mais íntimos da vida cotidiana destes sujeitos e as escolhas de seus estilos de vida. É importante aqui, dar ênfase a característica mutável dos atores sociais em seu movimento real.

Outra forma de se discorrer sobre a questão de identidade social na atualidade é percorrer as categorias apresentadas por Bauma (2001), sobre o conceito de que os indivíduos passam a se constituir na estrutura de *modernidade fluida* do mundo capitalista, cercados por incertezas da constante mudança, que afeta a vida das pessoas, no que diz respeito ao trabalho, emprego, seguridade, família e muito mais. Com base nas concepções de *auto identidade* e *modernidade fluida*, o mundo do trabalho amazônico apresenta particulares adversas o conceito global.

Assim, fixamos o quadro abaixo com base na classificação externa, reconhecida pelos depoentes, porém que não os define por completo.

¹ Técnica muito comum da agricultura Amazônica e que se divide em dois momentos: *o corte*; limpeza da área com terçado, machado motosserra, derrubando as árvores para abrir o espaço e *a queima* que acontece entre trinta e quarenta e cinco dias depois, onde o agricultor aguarda o material orgânico secar para atear fogo no perímetro aberto. Esse procedimento acelera o processo de abertura da floresta para plantar roça.

Quadro 1. Codificação dos entrevistados

Número	Código	Idade	Sexo	Profissão	Região onde moram
01	E1	68	F	Agricultora	Br. 230 - Km 8.
02	E2	57	M	Extrativista	Resex do Ituxi
03	E3	45	M	Extrativista	Resex do Ituxi
04	E4	63	H	Extrativista	Barranco da praia de Lábrea
05	E5	36	H	Pescador	Tauaruã/Capiã, ramal do Nel.
06	E6	68	H	Pescador	Tauaruã/Capiã, ramal do Nel.
07	E7	44	H	Pescador	Tauaruã/Capiã, ramal do Nel.
08	E8	69	H	Agricultor	Km 26 – Projeto de assentamento Passia.
09	E9	59	M	Agricultora	Km 26 – Projeto de assentamento Passia.
10	E10	44	H	Pescador	Br. 230 - Km 8.
11	E1	65	M	Professora	Cidade de Lábrea, centro.

Estes grupos de trabalhadores estão identificados por microrregiões que compõem o território de Lábrea, em comum estas áreas apresentam recorrências de queimadas ligadas as atividades produtivas. Sendo identificado durante a pesquisa que a lenha retirada das árvores é o combustível utilizado amplamente para produzir calor e energia das olarias, das casas de farinha, caeiras, fornos de padarias, pé de moleques. De maneira coexistente a agricultura e pecuária lideram em grande escala, a atividade de queimadas para limpeza do terreno, considerada como técnica de aceleração de limpeza pelos pequenos produtores e de baixo custo aos grandes agropecuaristas.

Em particular duas características são preservadas quanto aos trabalhadores; primeira a ideia quanto a diversidade de ocupação e segunda, a mobilidade nos territórios acontece mediante os serviços realizados durante os meses do ano, ou seja, em ambos os casos, os trabalhadores apresentam traços dinâmicos de labor e ocupação de espaço. É importante ressaltar ainda que muitos trabalhadores têm mais de uma residência, sendo uma na zona rural e outra na cidade.

Lábrea é um município do sul do Estado do Amazonas, região típica de expansão de fronteira agrícola onde é possível se identificar, ao menos dois importantes processos de ocupação relacionados a movimentos colonizadores, um no século XIX, e outro no século XX, o primeiro tendo como eixo principal a bacia hidrográfica do Purus, no período entre 1870-1950, época da exploração extrativa da borracha em grande intensidade, e o segundo sendo induzido pela abertura de novas vias de comunicação com o objetivo da integração nacional e colonização, o que se deu a partir dos anos 1970 com o Projeto de Integração Nacional – PIN, no período da ditadura militar (Kohlhepp, 2002, Estado Do Amazonas, 2011).

O cenário de Lábrea atualmente pode ser considerado como o que contém um mosaico de diversidade onde se destaca a existência de uma heterogeneidade de unidades de conservação e terras indígenas, e que paradoxalmente figura entre os municípios da Amazônia onde se detectou os mais elevados índices de desmatamento florestal ilegal nos últimos anos (Lima, 2008, Vitel, 2009, Menezes 2009). Ao apresentar o cenário regional de Lábrea, e o seu processo de ocupação, de modo a contextualizar melhor o problema de pesquisa, confirmando a opção pela abordagem construtivista nessa etapa do trabalho, na qual se debruçou sobre as fontes secundárias a respeito dos temas desmatamento, expansão de fronteiras, dinâmicas do processo de ocupação histórica do município.

A população de origem nordestina passa a consolidar a sua influência cultural em Lábrea, também são descritos na literatura como povos da floresta e ribeirinhos que vivem a mais de cem anos na bacia do rio Purus, consolidaram sistemas de trabalhos específicos e ao longo do tempo. Posto isso, dados do Instituto de Pesquisa Ambiental do Amazonas – IPAAM de 2022, aponta o município de Lábrea como a quarta área com maior índice de desmatamentos e queimadas na Amazônia.

No que concerne ao desmatamento, o conceito geral, consiste na retirada da cobertura vegetal parcial ou total de um determinado lugar. Por esse motivo, esse fenômeno vem sendo considerado um dos maiores problemas ambientais da atualidade, que segundo Gonçalves (2005) pode-se citar três atividades como as principais causadoras do desmatamento atualmente. A pecuária para criação de pastagens, plantios da agricultura familiar e grãos em larga escala pela agroindústria, e ainda há exploração madeireira e os incêndios florestais (Alencar et al, 2004).

4.1.2 Narrativas de trabalhadores: queimadas como técnicas do trabalho em Lábrea.

As entrevistas seguiram o movimento aspiral no intuito de fazer conexões entre os grupos diversos de trabalhadores que residem em diferentes zonas do município de Lábrea. A escolha da sequência de entrevistas preteriu iniciar-se com os trabalhadores de áreas mais distantes, por

transitarem na cidade de Lábrea em períodos esporádicos. Assim as primeiras entrevistas foram realizadas com depoentes da Resex Médio Purus e Ituxi, em seguida com moradores da Br 230, quilômetros oito e vinte seis, depois no ramal da comunidade Tauaruã, gleba Capiã e por fim os residentes da cidade.

A Resex do Ituxi é uma unidade de Conservação que passou pelo processo de reivindicação de moradores deste rio, no processo consta em alegação que esses agentes sociais estavam perdendo suas terras por não terem os documentos definitivos de posse, então como residam na região desde o tempo de seus avôs, decidiram estrategicamente solicitar ao governo federal, a criação de uma reserva extrativista.

A narrativa dos moradores da Resex é impregnada por tensões que dizem respeito aos problemas da insegurança vivida nos últimos anos, em que são elencadas as invasões descritas em duas frentes, uma de ordem interna advindas de que sobe o rio Ituxi e outra ocorrendo nas cabeceiras oriunda dos estados de Rondônia e Acre nas proximidades do rio curuquetê.

Segundo as descrições dos atores sociais da resex é comum as derrubadas das áreas de castanhais pelos invasores que utilizam tratores de esteira, os grileiros também apresentam documentos de proprietário das terras aos comunitários, chegam nas comunidades marcado ponto via GPS e fazendo picadas em direção as estradas. O invasor com posse de documentos da terra diz ao morador; você pode continuar trabalhando aqui, desde que me pague renda. Em tom de revolta os moradores dizem “isso, o cara morou há muitos anos, no tempo do meu pai entendeu? No tempo do meu avô, aí meu pai faleceu e ficou com nós” (Entrevistado, E1, 2023). Sobre estas narrativas que pretendemos expor as condições de vida dos trabalhadores.

Essa problemática mais geral também esbarra diretamente com outro problema mais específico entre as atividades produtivas que desencadeiam o desmatamento e as queimas, e movida pelo uso do espaço por grupos heterogêneos que envolve madeireiros, pecuaristas, agricultura extensiva agroexportadora que exigem grande derrubada da cobertura vegetal, em contra partida os moradores agroextrativistas da Resex apontam a falta de recursos tecnológicos para limpeza das terras que substitua a técnica de corte e queima. Assim relata um entrevistado na pesquisa, morador da Resex cujo retrata as ocorrências de incêndios, então eu que se esse ano a no forte verão se não tiver um apoio maior né pelo governo, pelas fiscalização, é fogo, é muito fogo na época da queimada de roçado muita vezes para tocar fogo num roçado aqui, e outra tá vindo fogo que a gente não sabe nem da onde, o ano passado insidiou a boca do querequete quando o pessoal que tava monitorando não sei da onde viru propio joedy disse olha tá ai ligou pra Laurenice tá queimando dentro da resex, pra rumo

do querequete a presidente da associação entrou em contato com a gestora, ela olhou disse não, né dentro da resex não tá fora da resex, ai até a presidente da associação disse mais mesmo fora da resex ne crime não? Eu acho que e crime mas ai nos entremo em contato era dentro da resec os propio morador levaru quais uma semana pá apagar o fogo que ninguém sabe da onde veí esse fogo tá entendendo? Queimou as minhas... e porque o rapaz fez meus videos tirou lá mais tinha morador que chorava, entendeu? (Entrevistado, E1, 2023)

A técnica de limpeza de áreas para a agricultura através de queimada brevemente descrita acima, também conhecida como cultura de corte e queima, Cabral, (“et al.”. 2013) destacam que os procedimentos de preparo do terreno com fogo permite o cultivo em solos ácidos e inférteis que dominam grande parte da Amazônia. Partindo desta premissa é comum o uso do fogo na agricultura de subsistência e comercial, também a pecuária se utiliza da queimada para renovar o capim de sua propriedade que alimenta o gado.

O fogo como técnica de limpeza de áreas de agricultura não é tarefa fácil para contenção e/ou controle, pois os meses do ano escolhidos em que são realizadas as queimadas de agosto a outubro registram as temperaturas mais altas do verão “amazônico” sendo registrado o tempo de menos chuvas e secas dos rios. Este período apropriado as atividades de queimadas também apresentam inseguranças porque o solo as árvores secas facilitam a rápida expansão do fogo, ao sair do perímetro e atingir a vegetação próxima o incêndio atinge proporções de danos ambientais graves.

O município de Lábrea possui uma área generalista composta por comunidades ribeirinhas, os assentamentos rurais, terras indígenas e ainda fazendas e sítios dentro em áreas rurais próximas e/ou localizadas no perímetro urbano que vivenciam processos de conurbação, como por exemplo, a comunidade do Tauruã, as comunidades dos quilômetros (quatro, cinco e seis) da Br 230 e a T.I Caititu.

É importante situar o contexto destas comunidades rurais não indígenas e indígenas nas atividades produtivas agrícolas e subsistência e comercial direcionada ao consumo da cidade e que trabalham com a queimada para limpeza dos terrenos. Apesar das autoridades executivas e legislativas do Estado do Amazonas apresentarem no ano de 2023 projeto e leis para coibir queimadas e desmatamento, a Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas em 2023 constatou 5.474 focos de calor em 2023 e 8.116 no ano de 2022 deliberando ações e recursos para planos de contenção.

Na mesma direção o poder executivo por meio do decreto nº 47.565, de 5 de junho de 2023 vislumbra as medidas de prevenção e controle de queimadas, por meio da Secretaria de Estado do Meio Ambiente – SEMA, a sistematizar informações acerca de queimadas recorrentes em todo o

estado e ainda assume o compromisso de reduzir o foco de calor em 15% por cento, cabe aqui uma reflexão sobre como as legislações, acima citadas, vêm sendo efetivadas em Lábrea no estado do Amazonas.

Em 2024, nos meses em que se concentram as atividades de queima de modo geral no Brasil, e em particular na Amazônia brasileira, onde se concentram as grandes fazendas agropecuárias. O Amazonas neste contexto, durante os primeiros meses do verão ou período de seca é Lábrea que lidera os índices de queimadas na região estando a frente do município de Apuí que lidera o desmatamento no país. Conforme informações da brigada de incêndio do município, esse período coincide com a preferências comunidades rurais optarem para realizar limpeza do terreno com fogo.

A seguir são apresentadas duas fotos que ilustram as práticas de queimadas no município de Lábrea no ano de 2024 entre o perímetro urbano e a zona rural ao entorno da cidade:

Figura 2 queimada no ramal do Flexal - km 4. Fotografia de setembro de 2024



Fonte: Acervo dos Autores (2024)

A primeira imagem, ilustra uma queimada noturna em área rural, a noite e a madrugada são os períodos preferenciais em que as pessoas ateiam fogo. Estes horários são preteridos porque dificultam a identificação do incendiário e a fiscalização de autoridades policiais da força nacional e da defesa civil municipal. Neste incêndio houve propagação para terrenos da circunvizinhança e muitos tiveram perda total de árvores frutíferas.

A segunda imagem mostra a presença brigada contra incêndios no âmbito de uma propriedade particular que faz divisa com a T.I Caititu. A equipe de combate as queimadas formadas por agentes

municipais, estaduais e federais tais como defesa civil municipal, bombeiros militares e a força nacional bem como agências ambientais como IBAMA, ICMBIO e Polícia.

Ainda sobre as queimadas, outra fala que ilustra como se dão as técnicas de trabalho na agricultura em Lábrea

[...] um grande incêndio aqui no Capeã se espalhou, quase tudo pega fogo, varia gente perdeu tudo, o fogo invadiu o terreno da dona Algina, perto da escola, não sobrou nada, perdeu tudo mermo, os pés de açaí dela, tava tudo grande, metro e meio mais ou menos, agora, a pessoa planta no ano e perde no outro, prejuízo grande, prejuízo grande mermo, isso foi ano passado, nesse ano já queimou lá de novo é até agora tá queimado lá de novo, mas foi tudo mermo, as fruteiras, morreu tudo com fogo. Esse mermo fogo chegou ali nos vizinhos d'ali aconteceu com eles, nós fomos para ajudar né, para apagar, e aí chega queima tudo. Queima tudo. Nós já ficamos até 9 horas da noite, eu não sei quem foi, mas teve uma vez que passou por dentro da estrada do igarapé grande, teve uma vez que passou pro terreno do babau da fazendinha, aí o capim tava grande. tava seco né, aí entrou dentro, aí veio invadindo a mata alta aqui, aí nós corrimos dentro, mas nós conseguimos, aí atravessou a estrada o fogo, essa estrada aí, travessou passou pelo lado de cá daquelas casa, desse lado tava pegando fogo quase dentro da casa de cara, aí nós fumo lá ajudemos. Também nisso já queimou frutífera tudo que é planta, foi tudo que é plantação. Dessa vez o fogo entrou dentro da horta do neguinho que é do neguinho ainda acabou pimentão, cebola e tudo porque tinha furão por baixo e os canteiros em cima (Entrevistado E6, 2024).

Assim, como se pode interpretar a fala acima, agricultores, pessoas imbuídas de autoridade, detentoras do conhecimento prático e tradicional com grande experiência no cultivo de roças ao longo da vida e proprietários de grandes porções de terra, descrevem constantes ocorrências de queimadas ao longo do ano, a perda de controle do fogo e os prejuízos ocasionados aos moradores. De fato, são recorrentes os relatos de situação do uso queimada na limpeza de terreno para a agricultura e nisso, é comum de maneira acidental fogo passar para propriedades vizinhas.

O período de seca na Amazônia é preferencialmente adotado pelos agricultores para realizar o procedimento de queimada para se fazer roçado, pelo fato do clima quente e com pouca humidade deixar a vegetação seca, esse ambiente propício também apresenta riscos iminentes, devido o capim está enxuto juntamente com as palmeiras das palmeiras que serve como condutor ou caminho de passagem do fogo entre as propriedades, quando o capim seco forma fagulha de brasas que são levadas pelo vento em direção as palmeiras, o fogo se alastra e rapidamente o controle é perdido.

Neste contexto as técnicas de queimadas aplicadas na abertura de roçados são vitais ao controle do fogo, que pode definir as intercorrências de controle do fogo ou de propagação descontrolada, talvez não seja esse o ponto central a ser mensurado aqui, e sim a quantidade de agricultores que dependem da cultura do corte e queima para produção de roçados, de maneira que a pesquisa de campo permitiu também a reflexão quanto aos procedimentos de abertura de roçado

E vai controlando ele vai indo lá pro rumo do meio do roçado, aí por lá ele se encontra e se acaba.

[...] E vai controlando ele vai indo lá pro rumo do meio do roçado, aí por lá ele se encontra e se acaba, é a forma de controlar pra não virar um incêndio, aí as vezes ele lá do meio do roçado volta pra descer pra praieira, já aconteceu, mais nós de repente, nós leva um bocado de balde d'água, leva o carro com caixa d'água, uma vez nós apagamos aqui, nós e porque essa mata aí que tem ainda toda era nossa aí eu arranquei muito furão, tem um inchadeco que no canto do furão pra não desmatar ela num sabe? se fosse pra nós desmatar nós já tinha acabado com tudo mesmo, estava só mesmo o furão porque aqui o furão invade, se o cara não controlar ele invade mesmo é, aí nós vei de lá pra cá aí invadiu a nossa aí mas nós controlemos, pelejemo até que, a nossa nunca pegou, nunca queimou assim a nossa (Entrevistado E5, 2024).

A fala acima sugere, portanto que a uma complexidade de conhecimento tradicionais que envolve o controle do fogo na produção de roçados e indica ainda um ciclo anual perpétuo da cultura de corte e queima sem haver uma técnica inovadora que supere este modo antigo e consiga engendrar um plano de contenção de queimada da floresta e do aquecimento climático. Mesmo que pesquisas apontem segundo Carpedo e Mielnicziuk, (1990) a busca por sistemas alternativos ao de corte e queima como opções aos agricultores da Amazônia não são praticados.

Ainda quanto a sistemas alternativos de corte e trituração da capoeira, testados na agricultura e que se apresentam como tecnologias de manejo do solo, assegurando uma produção agrícola sustentável na região sem a emissão de dióxido de carbono na atmosfera. Apesar de tal inovação, Lábrea continua com repetições de queimadas e diversas formas de propagação de focos de incêndios descontrolados, descrita como procedimento essencial ao modo de produção rural.

[...] no roçado, nós temos que primeiro, limpar, né! Aí depois vem a derruba, aí depois nós vem destocar ele pra poder prantar, aí tem que limpar, destocar, aí depois destocamento, aí vem planti, né? Que aí já é cavano, fazendo as covas e plantando a roça. Aí é esse processo, né? Da roça. Quando a gente tem uma máquina, a máquina vem, faz o processo, né? Destoca e a gente vai só plantando. E quando não tem, aí nós temos que fazer com o nosso próprio braço mermo. Aí vai pro

fogo, quando não tem jeito, aí vai pro fogo, com a máquina, a pessoa chega, aí ela leva, aí arranca os toco. Ela arrancou os toco, aí ali é só plantar. Se não for, é como nós aqui. Nós pedimo várias veze pra vir uma máquina aqui, pra destocar, foi preciso, nós ia com a mão, né! Destocar. E hoje, pode olhar ali. Tá só a terra, pra tu ver aquilo ali. Era eu com inchadeco, ela com o tessado, os meninos com enxada, uns oitos, olha lá, tá só a terra. Não precisemo de nada disso, né? Mas hoje chegamos lá. E depois, nós fumo destocar. Porque se não nós não conseguia, não (Entrevistado E10, 2024).

A fala do entrevistado demonstra o abismo entre o paradigma ambiental e o modo de fazer do trabalhador rural de Lábrea, sugerindo a pouca eficácia da legislação ambiental na práxis da vida cotidiana dos agricultores, onde a exploração de recursos naturais se dá indiscriminadamente e de acordo com a demanda da estrutura econômica do sistema capitalista de exploração, que se apropria da condição desfavorecida do pequeno produtor com suas primeiras necessidades e que precisa produzir para o mercado e garantir o sustento familiar.

O modo de produção de corte e queima é realizado pelos grupos Amazônicos a milhares de anos, sendo no século XIX utilizada pelos colonizadores no Purus para a produção de seus roçados, ou seja, o sistema capitalista sofisticado não modifica a estrutura de corte e queima que atendia o modo de subsistência, segundo Weinstein (1993) identifica tais problemas estruturais existentes na economia da região amazônica como estrutura primitiva de escambo aplicada a economia de aviação, por sua vez, associada ao capitalismo moderno. Como ilustrado na fala a seguir a permanências da prática de queimar:

Aqui, precisamos de uma máquina pra cada assentamento, mesmo que fosse uma, dava conta de todo mundo. Sabe por quê? Ele ia fazer os asseiro antes da pessoa roçar. Tudinho, com as quatro braça de largura. Não precisava queimar, ia fazer a limpeza, ia passar grade, porque o fogo ele mata o solo da terra e você só queimar uma vez e já não presta mais pra plantar. Aí no maquinário, você fica gradando todos os anos e a terra é boa, todos os anos a terra é boa. Com as máquina diminuía 90% do fogo. No meu ponto de vista, drone, satélite, isso aí é só pra gastar dinheiro, não resolve nada, o mundo tá se acabando em fogo. Esse fumaceiro, isso adocece a pessoa. A gente do governo não olha pro produtor, se vem, se vem algum recurso, mas não chega pra nós. Eu trabalho com abacaxi, melancia e roça de mandioca, porque a roça de mandioca eu tenho que ter a farinha pra mim comer e a sobra eu vendo. Alí eu tenho um hectare de roça plantada, á quase no ponto de colher (Entrevistado, E8).

Segundo Santos (2017) cenário amazônico ao longo dos últimos anos envolve uma atmosfera com uma alta população de piro nuvens que são nuvens que sofrem influência direta da fumaça e do calor dos incêndios florestais que ocorrem durante a estação seca na região amazônica. Assim, o período anual de queimadas no assentamento do Passiá são parte de uma estrutura convencionada entre a população. De acordo com um dos entrevistados da pesquisa

O que mudou, veio essa quintura que você que o Sol, o Sol ele não tá nem, a luz dele tá fraca mais a quintura tá insuportável, eu tava roçando ali o suor pingando e eu bebendo água, de primeiro nós ia trabalhar na costa de uma praia era aquele vento o dia todinho a gente nem suava, aquele vento frio. Tá entendendo? Só esquentava assim na hora da meio dia até umas duas horas aí já ficava bom de novo, agora sete horas do dia já começa a quintura é o dia todo, aquela quintura insuportável. Esse fumaceiro nunca vi, eu já vou pros 80 anos nunca vi, ainda não tinha visto durante a minha vida, primeira vez que eu tô vendo, essa questão da temperatura, muito quente, devido a queima, outra, o desmamento, oxa, eu trabalho vinte (Entrevistado, 9).

Santos (2017) ao pesquisar o aumento de temperatura da superfície aponta que a intensidade de luz causada pelo desflorestamento, o estudo evidenciou que existe uma diminuição do saldo de radiação recebido pela pastagem sendo em média 11% a menos quando comparado ao ambiente de floresta, gerando altas temperaturas durante o dia. Assim, de acordo com o autor, esse o período de seca

Foram apresentados quatro cenários, que vão desde uma atmosfera relativamente limpa até a mais poluída gerando condições adversas na dinâmica climática da região amazônica. Os cenários apresentados foram: oceano azul com baixa concentração de NCN (núcleos de condensação de nuvens) de origem antropogênica; oceano verde que está relacionado à atmosfera limpa da Amazônia durante o período da estação chuvosa; o terceiro trata-se de um cenário onde as nuvens e seus processos de formação são fortemente afetados pelas fumaças decorrentes da queima de vegetação; o quarto e último cenário envolve uma atmosfera com uma alta população de piro nuvens que são nuvens que sofrem influência direta da fumaça e do calor dos incêndios florestais que ocorrem durante a estação seca na região amazônica (Santos, 2017, p.166).

Desse modo, os ciclos repetidos de queimadas registradas e a ampliação de áreas de fazendas, para criação de gado e grãos, bem com a extração madeireira no município de Lábrea e regiões adjacentes, em que pequenos e grandes proprietários de terras, simplesmente promovem incêndios no período de seca. A região passa dessa forma por uma extensão produtiva ainda tendo por base o uso

do fogo como técnica rudimentar agrícola, e talvez até com maior intensidade) uma fase de intensa e descontrolada exploração dos recursos naturais e derrubada da floresta do rio Purus, como ilustra a fala do entrevistado:

No Mucuim eu morei, ta com dois anos, um ano e pouco eu morei lá, numa fazenda, depois fazenda Bessa aqui na 230, presta atenção, pro lado e outro é tudo fazenda, na parte de Canutama. até o ano trazado lá no mucuim, o rapaz diz que passava de cardume de peixe lé, bem na frente mermo, agora não tem mais nada, ali pra estrada tem um garapé grande que ele sai perto de Canutama chamado jaihã, um igarapé grande e castanhal, tão acabando com tudo, lá tinha antes, balseiros e mais balseiros de matrinxã, a derrubada é no rio que tem a cabeceira aqui perto da fazenda do Bessa, presta atenção que tem um bueiro que sai la em Canutama um garape grande, eles tão derrubando tudo pra lá, os castanhal para fazer pasto, o pessoal que quebra, o pessoal vem de Canutama pra quebrar lá, já tão derrubando, isso é conhecido por todo mundo que mora aí na cidade, sabe disso, que tão derrubando e fazendo pasto. Os caras, se tu for lá no Mucuim, tu vê, os caras que trabalhando, derrubando na beira da estrada, pro caminhão passar, tem que esperar a derrubada, uma derrubada grande, grande, grande, é para abertura de pasto, não tem outra coisa, não, hoje eles abrem para o pasto e tentam aproveitar a madeira. E é por aí, queira ou não, tem que agradecer esse, eu não sei se eu estou certo ou não, esse parque nacional Nacional Mapinguari e resex do Abufari (Entrevistado, E4, 2024).

A fala do entrevistado aponta para um movimento de ciclo econômico recorrentes na região de Lábrea e apresenta uma tríade do desmatamento: retirada de madeira, abertura de pasto e criação de fazendas, com destaque para a acomodação dos atores sociais na estrutura, muitos dos quais mantêm atividades de trabalhos em condição privilegiada do uso dos recursos naturais de maneira predatória, dando continuidade as relações sociais e econômicas no município, ou seja, aos antigos modos não sustentáveis sucederam e enriquecem ao longo do tempo ricos comerciantes, supostos donos de lagos e castanhais e figuras influentes no cenário político local.

A questão da retirada indiscriminada da derrubada da floresta para obtenção de madeira ilegal aparece em toda a bacia hidrográfica do Purus, e sinaliza uma extensa rede de conexão entre o sul de Lábrea, pelos ramais de barro a Br 364 em Rondônia. Outra saída se dá pela estrada 230, onde a pecuária avança até a cidade, nos quilômetros os rios Mucuim – km 70, Mari – km 36 e Passiá km – 30, suas comunidades vivem do extrativismo em que a madeira ganha, a cada ano valor de mercado,

e muitos trabalhadores ao receber alta demanda de empresas madeireiras, tornaram-se serradores e fornecedores de madeira as serrarias de Rondônia e Boca do Acre.

Com isso, forma-se a fronteira agrícola/madeireira do Sul de Lábrea avança sobre o médio rio Purus (FRANCO, 2011). A qual, a unidade de análise na região vem sofrendo alteração quanto a mudança do uso de solo e supressão da cobertura vegetal, resultante do desmatamento que atinge o município de Lábrea e a vida de suas comunidades (MENEZES, 2009). Vem sendo registrado e monitorado na Br 230 uma intensa ocupação de fazendas que emprega muitos dos atores locais em períodos do ano, para o serviço de derrubada da floresta para abertura de pasto.

A instalação do escritório regional do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – ICMBIO, no ano de 2007, pode ser considerados marcos da chegada dessa nova fronteira em Lábrea, o que invariavelmente entrou em conflito com velhas práticas de exploração do meio ambiente como a abaixo descrita:

E é por aí, queira ou não, tem que agradecer esse, eu não sei se eu estou certo ou não, esse parque nacional Nacional Mapinguari e resex do Abufari. O Mucuim é muito farto, teve uma época que subir o rio coma mulher, quase não peguemo peixe, ixi, passamos dia, o bicho também tava pouco na caça, os homem entrava pelo lado de fora da pelo Porto Velho e levavo, tava tudo escasso pra gente, agora, o Parque Nacional Mapinguari e reserva ajuda muito, é quem salvou esses restos de terra. Tu sabe que o Mucuim é um muito farto, peixe, miúdo, pirarucu, tartaruga, tracajá, tudo que é lixo. Caça, anta, tudo se não fosse, a reserva estaria implantada lá. Aconteceu de eu subir uma aérea em uma beira, e lutar, pegar um peixe para comer, de ir e pegar mais, quando abriro o ramal lá por trás, que sai em Porto Velho que vem os pescadores e os garimpeiros, aí começaram a desmatação, já tinha fazenda já desmatada aí.

Foi quando implantaram o parco nessa semana. Agora vai lá, pra tu vê, tá uma beleza de novo, o bicho de caça tá tendo muito de todo tamanho e o peixe tem demais (Entrevistado E7, 2024).

Essa última narrativa relata o movimento de fiscalização do órgão competente na região proporciona impactos de preservação ocasionados pela presença do mesmo nessa região de fronteira de desmatamento na rodovia federal BR 230 – rodovia Transamazônica. Demonstrando a capacidade regenerativa da natureza, a floresta preservada nos últimos anos, através da criação do parque nacional e da Resex condicionam a vida e reprodução das mastofauna e ictiofaun, já é percebida, mesmo com fatores como o avanço do desmatamento na região nas últimas décadas e a influência econômica do vizinho Estado de Rondônia na sociedade labrense.

No município de Lábrea, onde as questões mais impactantes em termos de modificação da paisagem foram o aumento do desmatamento e o avanço da atividade da pecuária, tornou-se em meio aos municípios que mais desmatam a floresta de forma ilegal, lista na qual Lábrea está incluída como município do Amazonas, por isso vem recebendo Operações Arco de Fogo e Arco Verde (Estado Do Amazonas, 2011, p.173)

Como se pode deduzir, não obstante a realização por parte do poder público de ações de comando e controle combinadas com políticas de incentivo afirmativas na região, o desmatamento e a retirada indiscriminada de madeira continuam normalmente bem como os habitantes da floresta passaram a atuar diretamente por meio da administração de “endividamento a patrões” em uma relação de dívida compulsória, se tornando perpétuos empregados do desmatamento.

O aumento expressivo da demanda de recurso naturais da floresta no mercado internacional influencia as estratégias patronais de imobilização da força de trabalho. Portanto os conceitos configuram-se como instrumentos analíticos que permitiram a compreensão dos casos estudados pela pesquisa no interior das relações sociais, permeadas por visões antagônicas, sobre o conflito ambiental sobre estes territórios.

Conclusão

A pesquisa sobre as queimadas no município de Lábrea revela uma complexa interação entre fatores sociais, culturais e ambientais que influenciam a frequência e a intensidade dos incêndios. Ao utilizar a história oral como método de investigação, foram coletados relatos significativos que oferecem uma visão profunda das experiências e memórias dos trabalhadores locais. Esses depoimentos evidenciam não apenas a relação histórica dos habitantes com a terra e os recursos naturais, mas também a forma como as práticas de manejo, como a cultura do corte e queima, estão integradas ao cotidiano das comunidades.

A abordagem qualitativa possibilitou uma compreensão mais rica e contextualizada das narrativas, permitindo que a memória coletiva emergisse como um elemento fundamental para a análise das queimadas. As vivências relatadas pelos entrevistados refletem um passado marcado pela luta e pela adaptação às mudanças sociais e ambientais, destacando a dinâmica dos trabalhadores nordestinos que, ao longo de um século, moldaram suas identidades e práticas no rio Purus. Essas narrativas ressaltam a importância de reconhecer o conhecimento tradicional e as experiências de vida como parte essencial do debate sobre o manejo sustentável dos recursos naturais na Amazônia.

Além disso, a pesquisa mostrou que a identidade social dos trabalhadores não é fixa, mas sim fluida, composta por múltiplas atividades e influenciada por um contexto de modernidade e globalização. Essa flexibilidade identitária é crucial para entender a resistência e as transformações nas práticas culturais em face de pressões externas, como a exploração econômica e as políticas públicas. A pesquisa também revelou como a dinâmica econômica e as exigências do mercado moldam as decisões dos trabalhadores em relação ao uso da terra, frequentemente levando à adoção de práticas que favorecem o curto-prazismo em detrimento da sustentabilidade a longo prazo.

Outro ponto significativo abordado foi a questão da memória e da forma como ela se entrelaça com as práticas de vida dos atores sociais. A memória coletiva, ao ser mobilizada nas narrativas, não apenas serve como um registro do passado, mas também atua como um recurso ativo que influencia as decisões atuais. Os relatos indicam que a lembrança dos modos tradicionais de cultivo e manejo é fundamental para a busca por alternativas que possam conciliar desenvolvimento e preservação ambiental. Isso evidencia a necessidade de integrar esses saberes locais nas estratégias de gestão ambiental.

Em suma, o estudo das queimadas em Lábrea não se limita à análise dos incêndios em si, mas se expande para a compreensão das relações sociais, das memórias coletivas e das identidades em constante transformação. Os resultados apontam para a necessidade de políticas públicas que considerem essa complexidade e que promovam um diálogo entre saberes locais e abordagens científicas. É imperativo que as soluções para os problemas das queimadas incluam a participação ativa das comunidades afetadas, garantindo que suas vozes sejam ouvidas e respeitadas no processo de tomada de decisão.

Além disso, a pesquisa destaca a urgência de promover iniciativas que estimulem práticas de manejo mais sustentáveis, levando em conta as realidades econômicas e sociais dos trabalhadores. Tais iniciativas poderiam incluir a promoção de técnicas agroecológicas e o fortalecimento da organização comunitária, permitindo que os trabalhadores tenham um papel ativo na conservação de seus recursos naturais.

Por fim, o estudo contribui para a discussão sobre a sustentabilidade ambiental e o desenvolvimento das comunidades amazônicas, propondo que as vozes dos trabalhadores sejam ouvidas e respeitadas no processo de tomada de decisão sobre o futuro de suas terras e suas vidas. Ao reconhecer e valorizar a riqueza do conhecimento local, é possível avançar em direção a uma gestão mais integrada e sensível às realidades locais, que não apenas minimize os impactos das queimadas,

mas também promova a resiliência das comunidades diante das mudanças climáticas e das transformações socioeconômicas que estão em curso na região.

REFERÊNCIAS

Bento-Gonçalves, A. et al. (2014). Análise de vulnerabilidade a incêndios florestais na região do Minho, Portugal. Em: Riscos - Associação Portuguesa de Riscos, Prevenção e Segurança, Universidade de Coimbra, Guimarães.

Brando, P. M.; Paolucci, L.; Ummenhofer, C. C.; Ordway, E. M.; Hartmann, H.; Cattau, M. E.; Rattis, L.; Medjibe, V.; Coe, M. C.; Balch, J. (2019). Fire regime in the Brazilian Savanna: Recent changes, policy and management. *Annual Review of Earth and Planetary Sciences*, 47, 555-581.

BRASIL, Ministério Do Meio Ambiente. (2020). Orçamento 2020. Disponível em: https://www.camara.leg.br/internet/comissao/index/mista/orca/orcamento/OR2020/re_d_final/vol4/44_meio_ambiente.pdf. Acesso em: 18 de março de 2024.

Gontijo, G. A. B.; Pereira, A. A.; Oliveira, E. D. S.; Acerbi Júnior, F. W. (2011). Detecção de queimadas e validação de focos de calor utilizando produtos de sensoriamento remoto. Em: Anais do XV Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto - SBSR, Curitiba, PR, Brasil, INPE, 7966-7973.

Lima, G. S. Et Al. (2018). Avaliação da eficiência de combate aos incêndios florestais em unidades de conservação brasileiras. *Floresta*, [S.l.], 48(1), 113-122.